

REPORTAGEM ESPECIAL/EDUCAÇÃO

COTAS NA UFES

4 ANOS DEPOIS, A
HORA DA VITÓRIA

Estudantes que fazem parte das primeiras turmas de cotistas contam como frequentar a universidade abriu portas e mudou suas vidas

PRISCILLA THOMPSON
ppessini@redgazeta.com.br

Quando concluiu o 3º ano do ensino médio na rede pública, aos 17 anos, Danielle dos Santos Milioli teve que seguir o único caminho que lhe parecia possível: trabalhar para ajudar a família. Filha de pai serraleiro e mãe diarista, achava que fazer um curso superior não era para ela. Conseguiu um emprego de secretária em um consultório odontológico, mas, anos depois, resolveu contrariar o destino. Tentou o vestibular da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) três vezes. Na terceira, em 2008, soube o que era oportunidade. A criação do sistema de reserva de vagas permitiu que ela e outros 793 estudantes pudessem ingressar na universidade naquele ano e realizar um sonho.

Dias depois de o Senado ter aprovado a reserva de 50% das vagas nas instituições federais de ensino e a criação de cotas raciais — medidas que dependem da sanção da presidente Dilma Rousseff —, A GAZETA conta a história de Danielle, hoje com 28 anos, e de outros cotistas que serão os primeiros a receberem, em breve, o tão sonhado diploma universitário.

Mais de 4 mil pessoas foram beneficiadas na Ufes, desde então, pelo sistema que reserva de 40% a 45% das vagas para alunos que estudaram todo o ensino médio e pelo menos quatro anos do ensino fundamental na rede pública e que



“Eu não imaginava que podia tanto”, diz Danielle, que construiu sua própria casa

EDSON CHAGAS

têm renda familiar de até sete salários mínimos.

Uma conquista nada fácil, como também contam Edlaine, Maycon e Suzane. “Ainda hoje ouço pessoas criticando as cotas, mas acho que não fazem ideia de como essa chance é importante para nós e não imaginam o quanto nos esforçamos para chegar até aqui”, diz Danielle.

PROJETOS

Mais do que sonhos, as cotas distribuíram projetos de vida. Agora, Danielle está prestes a concluir o curso de Serviço Social, faz estágio na Prefeitura de Vitória e comemora o casamento, realizado no último dia 21.

A nova vida começou na casa que ela e o marido construíram juntos, perto da casa dos pais, em Cariacica. “Naquela época, eu não imaginava que podia tanto”, comemora, ao ver que a sua história serviu de inspiração para a irmã mais nova, que vai tentar o vestibular neste ano.

O esforço que ela precisou fazer é compartilhado por centenas de outros alunos cotistas, como Edlaine Braga da Silva, 23, que está na reta final do curso de Administração.

“Até o primeiro período, trabalhava com telemarketing em Vila Velha, ia a Vitória para estudar e voltava para a casa só no fim da noite, em Cariacica. Depois, consegui um estágio em Vitória. Mas sempre trabalhei, porque precisava. Sentia até inveja dos colegas que fala-

vam que iam estudar o dia todo. Eu só tinha as noites e os fins de semana.”

E se engana quem pensa que entrar na universidade foi a parte mais fácil. “Quando terminei o 3º ano, não tinha muita base para passar no vestibular. Fiz pré-vestibular no Pupt (Projeto Universidade Para Todos, para alunos da rede pública), enquanto trabalhava. Não tinha outro jeito”, conta orgulhosa das suas conquistas e do estágio que conseguiu na área. Agora, Edlaine planeja fazer um mestrado.

MAIS ESTUDOS

A especialização também faz parte dos planos do estudante de Física Maycon Jonathan de Carvalho, 23. Ele entrou na Ufes no segundo semestre de 2008, quando viu nas cotas a chance de que precisava. Morador da Serra, ele conta que até o 2º ano do ensino médio não sabia nem mesmo o que era vestibular. Hoje, ele dá aulas de Física na rede pública estadual e, além de querer continuar a carreira docente, pretende estudar mais.

“Quando saí do ensino médio, queria ter uma profissão. Não queria apenas um trabalho. Para isso, tive que batalhar sozinho, porque minha família sabia pouca coisa sobre a universidade. Depois, quando entrei na Ufes, consegui um estágio em uma escola já no segundo mês de curso e sempre procurei trabalhar na minha área”, diz.

Esforço e dedicação são

NESTOR MÜLLER



Suzane virou notícia em sua cidade, Vargem Alta, ao conquistar algo incomum: uma vaga na Ufes

algumas das características que definem a maioria desses estudantes, aponta uma pesquisa realizada pela doutora em Antropologia e professora visitante da Ufes Andrea Bayerl Mongim. Ela estudou o perfil dos alunos cotistas que ingressaram na Ufes entre 2008 e 2011 e descobriu, por exemplo, que a experiência desses jovens em um curso superior é, muitas vezes, a primeira em suas famílias e que grande parte deles vem de fora da Grande Vitória.

Além disso, a maioria dos pais desses alunos pos-

sui escolaridade baixa, ao contrário do que se vê entre os não cotistas. Pelos dados da pesquisa, cerca de 40% dos pais dos alunos cotistas que entraram no vestibular de 2011 tinha apenas o ensino fundamental incompleto, e entre os pais de não cotistas a maior parte (32%) tinha ensino superior completo.

SURPRESA

Por tudo isso, talvez, a aprovação de Suzane Pedruzzi, 22, no vestibular para o curso de Engenharia de Produção, em 2008, te-

—
“Não interessa se você veio da escola pública ou da particular. Aqui dentro todo mundo é igual”

—
SUZANE PEDRUZZI
 22 ANOS, COTISTA

—
 nha surpreendido não só a família e os amigos dela, como toda a cidade de onde ela veio. “Virei até notícia de jornal em Vargem Alta”, brinca. Na época, nem ela acreditava que seria possível conseguir entrar já no primeiro vestibular.

“Fui criada para ficar lá (em Vargem Alta), trabalhar por lá, sem continuar os estudos. É mais ou menos isso que a gente espera depois de terminar o ensino médio. Fui uma das primeiras a passar em uma universidade federal na cidade. E só consegui

EDSON CHAGAS

QUEM SÃO ELES

O perfil dos cotistas

▼ Residência

36% vêm de outros municípios do Estado que não a Grande Vitória. Entre os não cotistas, esse percentual é de apenas 13%

▼ Escolaridade do pai

A maior parte dos pais de alunos cotistas (40%) tem apenas o ensino fundamental incompleto. Entre os não cotistas, a maioria tem ensino superior completo (32%). Só 4% dos pais dos cotistas têm ensino superior completo

▼ Raça

43% identificam-se como brancos, 41% como pardos e 12,3% como pretos. Já entre os não cotistas, 52% são brancos; 35%, pardos; e 8,4% são pretos

▼ Renda familiar

62% dos cotistas têm renda familiar de até três salários mínimos, enquanto que só 19% dos não cotistas possuem a mesma renda. Cerca de 29% têm renda de 5 a 10 salários

▼ Menor renda

Nos dois grupos, o percentual de alunos com renda inferior a cinco salários mínimos aumentou de 2008 para 2011. Entre os cotistas, subiu de 87% do total para 94%; e entre os não cotistas, de 31% para 46%

FONTE: Pesquisa realizada por Andrea Bayerl Mongim

por causa das cotas. Se não fosse isso, eu nem teria tentado”, conta.

IGUALDADE

O início do curso de Engenharia, porém, não foi nada fácil. Suzane chegou a reprovar em Cálculo I (uma das disciplinas mais temidas pelos estudantes da área de exatas), mas correu atrás do prejuízo. “Depois que você entra na Ufes, não interessa se veio da escola pública ou da particular. Aqui dentro todo mundo é igual, se ajudando e aprendendo junto”, explica.

São certas que Danielle, Edlaine e Maycon também têm. “Quando as cotas foram implantadas, havia um mito de que a gente iria diminuir a nota dos cursos e piorar a qualidade da universidade. Conseguimos provar que isso é mentira. A gente, pelo contrário, se dedica muito, porque sabe que precisa dessa chance para mudar de vida, e agarra isso com todas as forças”, diz Edlaine.

Ao longo desses anos, a Ufes também elaborou um estudo em que avalia o desempenho dos alunos cotistas, mas ainda não divulgou os resultados. Agora, vai reavaliar o sistema, como previsto no ano em que ele foi criado, em 2007. Mas se ainda há dúvidas de que ele funciona, é Danielle quem responde: “A universidade abriu a minha mente e me fez ver o mundo com outros olhos. Hoje, eu sou mais cidadã”.

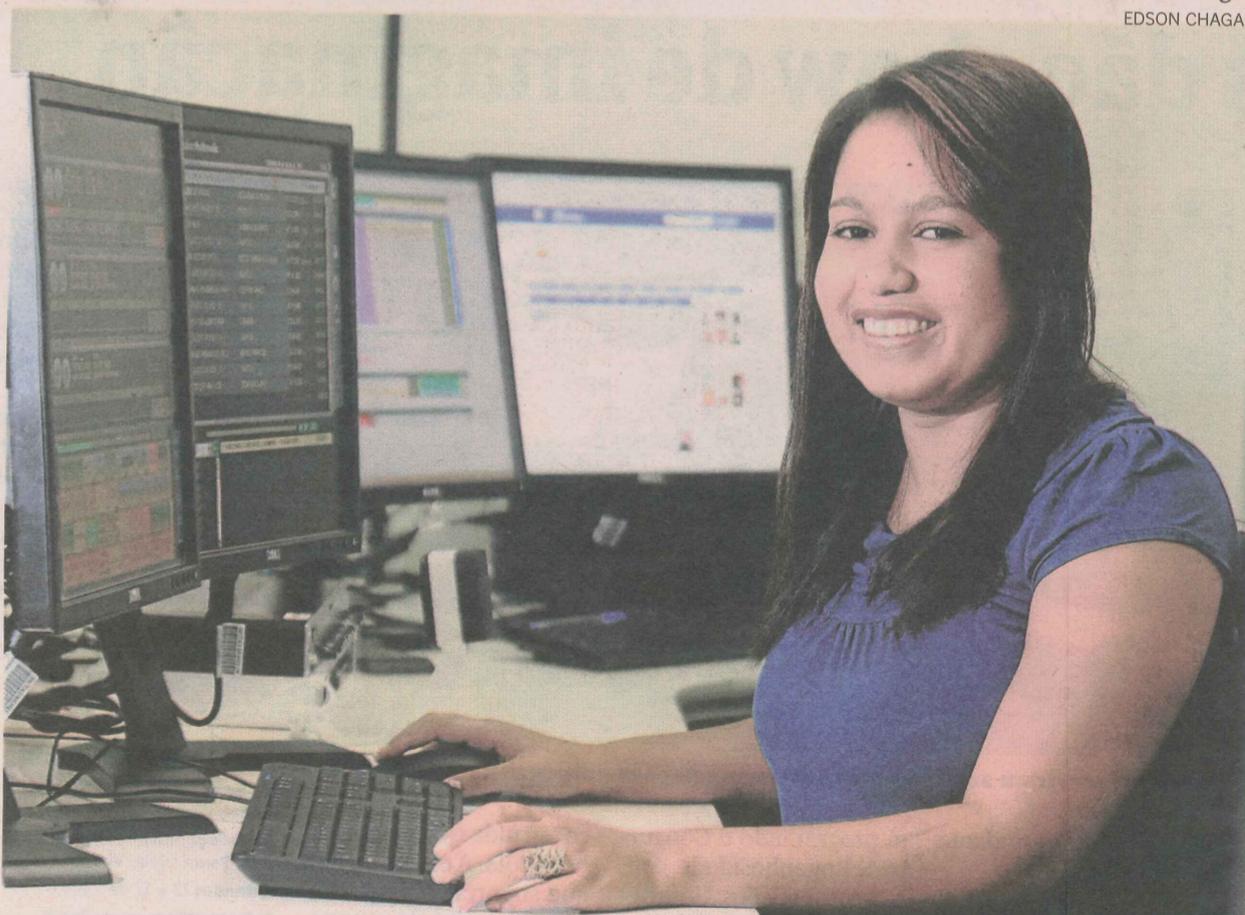
ANÁLISE

“Possibilidade de mudança de vida”

—
 O ingresso na universidade é um evento de grande significado para estudantes que o fazem por meio do sistema de reserva de vagas. Em geral, representa a primeira experiência familiar de ingresso no ensino superior, fato que tende a ser comemorado e especialmente valorizado com dedicação pelos estudos. Afinal, muitos sequer vislumbravam ser possível ingressar na universidade, lugar concebido como pertencente à elite. Embora orientados por uma ética da escolarização, o projeto de ingresso no curso superior é construído de forma não naturalizada, não defini-

do desde a socialização primária. Diante de dificuldades, tanto materiais quanto simbólicas, o sistema de cotas passa a representar grande estímulo para tornar viável tal projeto. A conclusão do curso superior representa a grande possibilidade de mudança de vida. Espera-se não somente exercer profissão mais bem remunerada e valorizada, mas também, em uma sociedade operada por princípios de hierarquização e exclusão, de incluir-se em grupo de maior prestígio e status, ter voz e vez.

—
ANDREA BAYERL MONGIM
 DOUTORA EM ANTROPOLOGIA,
 PESQUISA O PERFIL DOS COTISTAS



Edlaine conta que foi difícil estudar e trabalhar, mas sua vida mudou e agora ela quer fazer mestrado